


CINEMA E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA HUMANIZAR PESSOAS JOVENS

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-148>

Data de submissão: 13/10/2024

Data de publicação: 13/11/2024

Andreia Lopes Assis

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Jataí (UFJ)
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Jataí (UFJ)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0510-4572>
E-mail: deialopesaais26@gmail.com

Keyla Cristina Teixeira dos Santos

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Jataí (UFJ)
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Jataí (UFJ)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6429-4771>
E-mail: keyla.santos@discente.ufj.edu.br

Marinalva de Oliveira Teixeira

Mestre em Administração
Universidade Federal de Jataí (UFJ)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3531-1938>
E-mail: marinalva.oliveira@ufj.edu.br

Suely dos Santos Silva

Orientadora e doutora em Educação pela USP
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Jataí (UFJ)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7185-6637>
E-mail: suely_silva@ufj.edu.br

RESUMO

A juventude é frequentemente vista como problemática e desajustada. Contudo, há poucos esforços para compreendê-la, especialmente na fase escolar. Este artigo aborda o filme *Entre Nós*, que retrata a amizade de adolescentes do 3º ano. A análise focou nas identidades e nos papéis dos personagens. O escritor e diretor retrata, de forma divertida e sem chocar o espectador, a realidade e o sentido da adolescência, destacando a importância da amizade. O roteirista conseguiu transmitir ao público a visão juvenil de entretenimento. O filme aborda temas como uso de drogas, álcool e sexo, em um encontro planejado. O objetivo do trabalho é compreender o universo psicológico e identitário, provocar reflexões e apresentar possibilidades de incluir o cinema na educação.

Palavras-chave: Cinema, Exclusão, Adaptação, Imagem, Jovens Latino-Americanos.

1 INTRODUÇÃO

Em decorrência da revolução tecnológica e científica, a sociedade passou a ser vista como produtora do conhecimento, criando as plataformas de acesso à informação que promovem, em geral, acesso rápido a conhecimentos diversificados. Por efeito da globalização econômica e tecnológica, esse processo se intensificou, o que nos últimos anos acarretou transformações nos campos político, social, tecnológico, econômico, educacional e cultural. Tais transformações obviamente não alcançam todas as pessoas igualmente, o que produz formas mais sutis de exclusão.

Outra importante fonte de produção de conhecimentos é o cinema, que pode ser explorado em todas as etapas e níveis da educação, devido à riqueza de informações e aos relevantes temas sociais, que podem ser apresentados em suas obras e trabalhados em sala de aula por meio dos seus produtos, os filmes. O cinema produz e disponibiliza obras que abordam conteúdos diversificados e até mesmo temas vivenciados no cotidiano da sociedade. Os filmes podem ser apresentados aos discentes para incentivar o debate de questões sociais, políticas, humanitárias, educacionais, dentre outras.

O cinema proporciona aos profissionais da educação acesso a uma ferramenta para a prática pedagógica. Quando utilizado de forma crítica, consciente e planejada, pode promover o desenvolvimento cognitivo e a socialização do indivíduo, além de contribuir para sua formação integral e o preparo para a convivência em sociedade. Desta forma, Carvalho (2017, p. 2), afirma que: “O uso de vídeos e filmes em sala de aula surge como ferramentas que oportunizam a socialização, a aprendizagem e o desenvolvimento de diversos conhecimentos e habilidades”. Ao utilizar o cinema na educação, é possível promover formas diferentes de se compreender como ocorre a produção de conhecimentos materiais e simbólicos.

Luiza da Luz Lins, diretora-geral da Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, em entrevista realizada pelo site Cultura Infância, em agosto de 2017, afirmou, ao considerar a Lei nº 13.006/2014, que “o direito da criança brasileira de se ver na tela é um dos pontos importantes, para se garantir com a lei”. O cinema internacional ainda é muito voltado à representação do público de maior poder aquisitivo, o que dificulta para os jovens latinos a identificação com o conteúdo dos filmes. Aqueles em situações de vulnerabilidade social veem muitas vezes nas telas uma imagem completamente discrepante da sua realidade e do que se apresenta como possibilidade de futuro.

Desse modo, na tentativa de garantir o acesso ao cinema no Brasil, foi sancionada a Lei Federal nº 13.006/2014, que acrescenta o § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394/1996 à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Esse parágrafo incluído na LDB determinou que, a partir de sua vigência, passou a ser obrigatória a exibição de filmes de produção nacional, por pelo menos duas horas mensais,

nas escolas públicas brasileiras, e que essa atividade deve constituir o componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da instituição.

Outrossim, o que ocorre na prática é a ausência de políticas públicas que garantam a executoriedade dessa lei, tanto em relação à fiscalização quanto, principalmente, à disponibilização de recursos e incentivo às escolas, para que seja possível proporcionar, nas escolas públicas, esse contato com o cinema brasileiro. A realidade ainda evidencia uma lacuna na lei referente aos mecanismos e às formas de executoriedade dessa ação, o que inviabiliza o seu cumprimento. Há insuficiência, quando não, ausência de políticas públicas efetivas que promovam o acesso igualitário ao cinema por parte dos alunos da rede pública de ensino, o que daria acesso aos aspectos culturais da sociedade brasileira.

O contato com obras cinematográficas proporciona desenvolvimento intelectual e criativo dos estudantes. Já a sua ausência, especialmente para estudantes oriundos de famílias com baixo poder aquisitivo, que muitas vezes não têm acesso ao cinema fora do ambiente escolar, pode limitar o potencial de boa parte deles de explorar e refletir sobre relevantes temas que os filmes abordam. O filme de diferentes gêneros cinematográficos pode apresentar, de forma lúdica, questões sociais, culturais e políticas, proporcionando ao indivíduo a oportunidade de desenvolver novos conhecimentos ao relacionar com sua vida as formas como as personagens encontram soluções para problemas apresentados nas narrativas, por exemplo.

As obras cinematográficas contribuem com a sociedade, ao proporcionarem acesso a entretenimento e a diversos elementos culturais. Oferecem também, ao público, possibilidades de expandir conhecimentos por meio da reflexão, imaginação e representação. Para fazer sentido para os estudantes é necessário que professores provoquem situações que motivem a refletir sobre a mensagem do filme em sua profundidade e explorar diferentes perspectivas. Dessa maneira, o uso do cinema no processo formativo do sujeito, desde suas primeiras etapas, é relevante, pois pode proporcionar a aprendizagem por meio de metodologias lúdicas e ativas. Duarte (2002, p. 17) pontua que: “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”.

2 DESENVOLVIMENTO

Stuart Hall (2016, p. 31-36), em seu livro *Cultura e Representação*, apresenta o entendimento de que produções culturais como obras cinematográficas representam valores, comportamentos e ideologias sociais, que por sua vez podem fortalecer ou enfraquecer a sociedade. Há determinadas obras cinematográficas que têm a intenção de representar fatos passados ou presentes da sociedade, e o cinema tem, ainda, a capacidade de se antecipar, ao retratar a possibilidade de cenários futuros.

Conforme a teoria da representação cultural de Stuart, essas produções cinematográficas não devem ser interpretadas como modelos a serem seguidos, mas como reflexões críticas sobre comportamentos individuais. Alerta, também, que o cinema possui o poder de representar e questionar práticas e valores sociais, como um espelho que expõe não apenas a realidade, mas também as consequências de determinadas condutas. Assim, ao retratar essas questões, o cinema alerta para os possíveis desdobramentos desses comportamentos na sociedade, que, se não forem questionados, podem desencadear problemas de diversas esferas psicossociais.

O filme como metodologia pedagógica por vezes é utilizado na escola de maneira esporádica, sem objetivos claros que possam gerar algum tipo de aprendizagem, o que pode limitar seu impacto formativo. Segundo Carvalho (2017, p. 2), “O uso de vídeos e filmes em sala de aula surge como ferramentas que oportunizam a socialização, a aprendizagem e o desenvolvimento de diversos conhecimentos e habilidades”. Por isso é importante o uso do cinema de forma planejada, para produzir discussões e atividades que relacionem o conteúdo audiovisual com o capital cultural e o repertório linguístico dos estudantes, de forma a ampliá-los.

Nesse sentido, para se compreender como o cinema pode ser utilizado na produção de conhecimentos, foi realizada uma pesquisa sobre um filme brasileiro, considerando-se o contexto histórico e social em que o roteiro se baseou.

Para esse estudo foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: 1) pesquisa das entrevistas publicadas na mídia com diretores e atores do filme *Entre Nós*, escrito e dirigido por Paulo Morelli, que foi também diretor do filme *Cidade dos homens*, e 2) observação analítica do próprio filme, com o intuito de compreender a mensagem tanto principal quanto secundária da obra. O filme objeto dessa análise foi lançado no ano de 2014, com duração de 1h40min57. O áudio foi disponibilizado somente em português, sem legendas, e a obra se enquadra no gênero drama, tendo classificação indicativa ao público a partir dos 14 anos.

Em entrevista ao G1 (2013), o diretor do filme disse como foi importante a participação do seu filho Pedro, um jovem, para o sucesso da obra no cinema brasileiro. Pedro participou das gravações e da elaboração dos diálogos e das cenas, mostrando os melhores ângulos e comentando sobre cada personagem durante as filmagens, afirmou o pai. Morelli acredita que só foi possível produzir uma obra com grande qualidade devido ao empenho de Pedro, por ser jovem e entusiasmado com o cinema, ao qual credita parte do acerto apresentado no trabalho final. O elenco da obra foi constituído por atores nacionalmente conhecidos, como Carolina Dieckmann, Caio Blat, Maria Ribeiro, Paulinho Vilhena, Martha Nowill, Júlio Andrade e Lee Taylor. Todos são bem populares para o grande público, por

geralmente participarem de novelas de longa duração em canais abertos e por gerarem bastante exposição midiática, tornando-os conhecidos.

O filme foi premiado nas categorias de melhor roteiro e melhor atriz no Festival do Rio de Janeiro, em que Carolina Dieckmann atuou como coadjuvante. Caio Blat atuou como protagonista com o personagem Felipe, responsável por carregar o mistério da história. O ator atuou com a esposa Maria Ribeiro (45 anos), com quem foi casado de 2007 a 2017, que, além de atriz e escritora, é diretora de cinema brasileiro.

Caio Blat (33 anos), em uma entrevista ao G1, falou do desejo em dar continuidade à obra *Entre Nós*, problematizando que, quando os personagens tiverem 45 anos, o filme *Entre Nós 2* terá por objetivo mostrar como eles estarão, e que a previsão de lançamento seria em 2025. *Entre Nós* é um drama brasileiro com características de filme argentino. O autor aposta no estilo reflexivo e complexo para diferenciar do gênero comédia.

Desse modo, o uso de filmes como prática pedagógica nas instituições educacionais oferece possibilidades para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra com respectiva ampliação da cultura. No entanto, para que essa prática seja eficaz, os profissionais da educação devem buscar qualificação adequada que lhes permita entender como os recursos audiovisuais podem ser integrados de forma estratégica. Bulgraen (2010 apud Carvalho 2017) assevera que:

[...] Sem dúvida, o professor além de ser educador e transmissor de conhecimentos deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a “pensar” e a questionar por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do educador (Bulgraen, 2010, p. 31 apud Carvalho, 2017, p. 2).

A proposta de debater a juventude e, especialmente, como serão suas vidas no futuro é um tema que interessa à escola e aos professores. O autor Marcos Napolitano, em seu livro *Como usar o cinema na sala de aula*, afirma que: "Nesse sentido, a escola pode dar uma contribuição para a diversificação da cultura audiovisual ao trabalhar com filmes de origens, épocas e linguagens diversas, apesar das dificuldades de acesso" (Napolitano, 2003, p. 61). O drama tende a ser um tipo de filme em que a problemática está relacionada com questões sociais do cotidiano ou subjetivas, que podem ser reais ou imaginárias. Sejam quais forem, o objetivo é provocar intensas emoções aos espectadores.

A obra cinematográfica *Entre Nós* debate a passagem da juventude para a vida adulta, os dilemas e as incertezas dessa fase da vida. Ao analisar o filme como proposta pedagógica, foi possível pensar nas seguintes estratégias a serem utilizadas para trabalhar o filme: adaptar o currículo, orientar o aluno a analisar ou fazer uma resenha por escrito da obra, realizar um debate após o filme e utilizar partes específicas do filme para ilustrar conceitos.

3 MOTIVAÇÕES PARA O USO DE OBRAS CINEMATOGRAFICAS

O filme é um recurso pedagógico importante para a prática docente e o processo formativo do indivíduo e do senso coletivo, como é a temática de *Entre Nós*. O enredo faz com que o espectador se emocione, mas que também reflita e possa elucidar, ou mesmo solucionar, conflitos pessoais, familiares e sociais. Em razão dessas possibilidades, este filme é recomendável na prática docente. A obra cinematográfica tem também a função de ser uma fonte de novos saberes científicos, fornecer possibilidades aos profissionais da educação e estratégias para trabalhar conteúdos curriculares, além de realizar análise do mundo real a partir da ficção. Embora o trabalho pedagógico com filmes na escola e universidade seja possível, as referências bibliográficas apontam que as desigualdades sociais são fatores que dificultam e/ou impedem que seja proporcionada prática docente que alcance os objetivos que o cinema pode oferecer. As diferenças econômicas, sociais e culturais acabam por interferir internamente na comunidade escolar e se mantêm após o fim dos estudos, o que não deveria ocorrer.

No filme *Entre Nós*, o enredo mistura elementos de drama e suspense, explora as tensões, frustrações, os segredos, as comparações e, sobretudo, a inserção profissional e suas barreiras, sentimentos humanos que se misturam durante o reencontro dos amigos de escola após 10 anos. O filme trata de temas como amizade, culpa, arrependimento e as mudanças pessoais que ocorrem com o passar do tempo. Ao utilizar atores que já tinham uma relação de proximidade, o filme se beneficiou de representações mais genuínas, especialmente nos momentos de conflito e intimidade, o que contribuiu para a sensação de verossimilhança no retrato das amizades de longa data.

O diretor Paulo Morelli escolheu atores que eram amigos na realidade para compor o elenco do filme, que apresenta dois períodos. Em 1992, um grupo de estudantes de 3º ano do Ensino Médio se definiam como os mais amigos da turma e decidem escrever cartas para serem abertas após 10 anos. A intenção deles era saber como estariam ao se verem novamente no mesmo lugar geográfico em que se encontravam durante a escolaridade, o sítio dos pais de um deles. O compromisso assumido na ocasião era passar um final de semana na casa de campo onde abririam as cartas escritas. Por meio de um filme, pode-se reproduzir fatos verídicos, como o assassinato da atriz Daniela Perez, que até os dias atuais ainda comove a sociedade.

Entre Nós retrata os anseios de jovens de classe média com o futuro, em relação sobretudo à profissão, à assumência da sexualidade e à formação de famílias ou não. No reencontro desse grupo de amigos, após 10 anos do fim do Ensino Médio, as emoções foram despertadas, e houve beijos, sorrisos e brincadeiras, mas também muitas cobranças. O ano do reencontro foi 2002, com a morte por acidente de trânsito de um dos amigos, no percurso para o encontro, que esteve presente, mas ausente,

fisicamente. Felipe ficou com a posse dos manuscritos, material de qualidade escrito pelo amigo falecido, e publicou um livro, tendo muito sucesso.

O ponto alto da narrativa é sem dúvida a leitura das cartas que foram escritas pelos integrantes do grupo e enterradas em uma caixa próximo à casa onde ocorreu o encontro entre os amigos de escola. Para garantir que ninguém encontraria as cartas, colocaram uma pedra sobre a caixa enterrada para marcar a localização e definiram uma árvore como referência. A cena mostra a árvore caída e seca, uma imagem simbólica para a continuidade daquela amizade.

Durante a leitura das cartas, os personagens demonstraram sentimentos de alegria, paixão e traição. Em clima de melancolia, a despedida dos personagens nos remete à realidade e à compreensão de que nem sempre o indivíduo tem o poder de decisão e nem a garantia do planejamento de sua vida. Existe imprevisibilidade da vida, que pode alterar completamente os planos de cada um, e esta é a mensagem simbólica da obra que, embora o planejado anteriormente se veja frustrado, é possível enxergar outras possibilidades até impensadas até ali.

4 A SOCIEDADE AO ASSISTIR FILMES: JULGAMENTOS

O julgamento que determina a qualidade de uma obra é com base em vários relatos dos espectadores. Para definir um filme como bom ou ruim são observadas algumas características. O sujeito observa se este é divertido ou não, a qualidade da imagem e em qual contexto histórico é reproduzido. Normalmente, ao assistir um filme, a sociedade faz um prejulgamento, e essa postura não é a melhor para determinar o conteúdo do filme. Após assistir ao filme, o indivíduo pode concluir a ideia que propôs no início, ou seja, contar a história dos amigos jovens com muita naturalidade.

Toda a organização do roteiro foi bastante fiel à forma como a juventude vive, com muita diversão, bebidas alcoólicas, drogas e mesmo as paixões e discórdias entre eles. O roteiro apresenta o envolvimento de todas as personagens para representar a amizade de jovens com cerca de 20 anos de idade. Em uma casa de campo distante de qualquer interferência de outras pessoas e barulhos, eles se isolam para curtir aquele momento emocionante, e as cenas prezam por tons escuros. O protagonista, vivido pelo ator Caio Blat, muda de comportamento por ambição e egoísmo diante da oportunidade de pegar para si o material do amigo, que faleceu no acidente.

Para conseguir entender a mensagem nas entrelinhas do enredo, é importante conhecer elementos físicos, psicológicos e econômicos. O filme é uma narração clássica, pois identifica um protagonista. As cores predominantes são sombrias, gravadas no entardecer, para colaborar com o clima misterioso da história. Apenas algumas cenas foram feitas à luz do sol. As informações relevantes para a compreensão da linguagem, dos costumes, modos e como os jovens agem ajudam a entender o

universo dos jovens contemporâneos. Também se vê no filme como as mulheres estão inseridas no mercado de trabalho quando se fala em publicação, e mesmo a liberdade para beber, usar drogas ou escolher os parceiros sexuais. A obra não pretende só mostrar como os jovens veem a vida e o trabalho, mas como uma atitude baseada no que pode ser bom pode afetar a moral e os sentimentos emocionais futuramente.

5 REFLEXÃO TEÓRICA

Para fins desta reflexão, educação, cultura e sociedade deixaram a história como um legado importante para dar continuidade à educação. De acordo com Maria Lúcia de Arruda Aranha (2014, p. 19-31), “Pensar o passado, porém, não é um exercício de saudosismo, curiosidade ou erudição: o passado não está morto, porque nele se fundam as raízes do presente”.

O conhecimento não é nato, e as experiências vivenciadas são sentidas e interpretadas de forma diferente por cada pessoa, como bem mostrou o filme. Por isso a importância de conhecimentos teóricos que auxiliem na compreensão de como ocorre a interpretação dos acontecimentos e sentimentos e, portanto, o aprendizado do jovem. De acordo com Durkheim (2011, p. 53), “A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida”. Para o autor, o papel social da educação é visto como um meio pelo qual as gerações adultas transmitem normas, valores e saberes para os jovens, preparando-os para se integrarem à sociedade.

Na atualidade, torna-se necessário repensar a prática docente no sentido de que a educação escolar e universitária proporcione experiências culturais diversas, como: ida a museus; viagens técnicas; viagens culturais; ida ao cinema, bem como ao teatro; o cinema na escola, entre outras, para sistematicamente proporcionar mais cultura e, por fim, mais autonomia. A educação praticada nas escolas se afasta da cultura e da arte, e o aprendizado empobrecido que elas proporcionam visa alienar os estudantes. Conforme Weber, a educação sem arte e cultura está voltada para um tipo de dominação burocrática: “Ela busca treinar os alunos para finalidades práticas, visando treinar o aluno para finalidades práticas úteis à administração”, tanto na organização das autoridades públicas, quanto nos, escritórios, oficinas, laboratórios industriais, exércitos disciplinados” (Weber, 1971, p. 482).

Para Maria Alice Foracchi, o processo de socialização dos jovens é caracterizado pela busca de identidade e autonomia, quando a juventude é vista como um período de transição e confronto com normas sociais. Ao relacionar essa perspectiva ao cinema, especialmente em obras como *Entre Nós*, observa-se que a representação dos dilemas, das amizades e dos conflitos dos jovens, no contexto escolar e social, cria um espaço simbólico que favorece o desenvolvimento de sua autonomia. Desta forma, o cinema surge como um meio poderoso para reflexão e aprendizado e permite que os jovens

se reconheçam e compreendam suas vivências, além das pressões familiares e sociais que enfrentam. Esse processo ressalta a importância de se explorar esses temas no ambiente educacional, ampliando a compreensão das complexas relações de identidade e pertencimento social que permeiam a juventude (Weisheimer, 2014, p. 91-117).

A prática como componente curricular se caracteriza por contribuir com a formação dos estudantes para atuar na educação básica, por meio da pesquisa em cinema.

De acordo com Saviani (2010):

Para entender a necessidade de harmonização da educação com os progressos científicos e tecnológicos, o ensino deve constituir - se como processo consciente, deliberado, sistemático e metódico, voltado para uma dupla função: servir como fonte de informação e contribuir para organizar a atividade cognoscitiva dos estudantes (Saviani, 2010, p. 61).

No entanto, ele chama a atenção para o fato de que, na sociedade capitalista, essa tentativa de justificação das desigualdades recorre a argumentos novos, mais especificamente, ao discurso da meritocracia. Esse discurso consiste, basicamente, na defesa de que a posição social dos indivíduos tem a ver diretamente com o aproveitamento das oportunidades sociais disponíveis e com o talento e a competência de cada um, sendo as desigualdades, portanto, o resultado natural de êxitos pessoais diferenciados. A utilização do cinema como recurso pedagógico na prática docente e no processo formativo do sujeito, em sala de aula, se constitui como uma fonte de novos saberes científicos e pode ser trabalhada com a mesma proporção dos demais conteúdos curriculares, contribuindo para desmentir o falacioso discurso meritocrático.

Os autores Silva, Santos e Cunha (2017, p. 4) citam que: “as primeiras inclusões do cinema no campo educacional podem ser observadas desde os primeiros anos do século XX”. Desta maneira, o filme disponibilizado para a sociedade já possuía um caráter que vai além do entretenimento, se constituindo como cinema educativo. Esse conhecimento é essencial para a formação da autonomia do pensar, mas geralmente as escolas não o fornecem, ou o sujeito não consegue extrair a mensagem que está implícita porque não tem o hábito de assistir filmes. O cinema é uma fonte inesgotável de produção de conhecimento, mas explorado menos do que deveria.

Na obra *O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira*, Foracchi (1977) examina o papel dos estudantes na dinâmica social e aborda a juventude como uma fase de transição, que passa pela dependência familiar e busca por autonomia. Segundo a autora, o estudante é socialmente impulsionado a cumprir expectativas familiares e sociais e encontra, na educação e nos movimentos estudantis, uma forma de contestação e expressão de identidade. O ambiente educacional e a pressão

de classe influenciam intensamente o comportamento juvenil, criando circunstância de conflito entre a adaptação ao meio e a aspiração por transformação de si e do mundo.

No livro *A Juventude na Sociedade Moderna*, Foracchi (1972) investiga as dinâmicas sociais que moldam a identidade juvenil e observa que, na sociedade moderna, a juventude é frequentemente rotulada como uma fase de rebeldia e inadequação. Para Foracchi, o jovem é visto menos como um indivíduo em desenvolvimento e mais como um sujeito que deve ser moldado para se ajustar a normas preexistentes. Essa definição é limitante e leva à padronização de comportamentos, dificultando a compreensão genuína dos desafios e conflitos que caracterizam essa fase. A autora analisa a forma como as instituições, principalmente a escola e a família, influenciam na construção dessa imagem estereotipada, oferecendo pouca atenção à complexidade e singularidade da juventude. Assim, enquadrar a juventude nunca foi exitoso, nem desejável.

Ao observar a juventude sob uma perspectiva sociológica, Foracchi argumenta que a estigmatização dos jovens como "problemáticos" deriva da ausência de abordagens que os considerem em sua totalidade e objetiva apenas disciplina e controle. A autora defende a importância de se compreender o jovem como um ser social ativo, cujas atitudes e valores refletem não apenas suas condições pessoais, mas também as pressões e tensões do contexto social em que vive. Deste modo, Foracchi critica a abordagem reducionista e meritocrática, propõe o entendimento mais abrangente da juventude e indica que o (re)conhecimento das influências culturais, educacionais e socioeconômicas é essencial para a compreensão verdadeira do comportamento e das aspirações da juventude.

6 PROPOSTA DE ANÁLISE DE FILME NUMA PERSPECTIVA CRÍTICO-REFLEXIVA

Nessa seção, apresentamos uma proposta de prática pedagógica voltada à perspectiva crítico-reflexiva, baseada nas reflexões que fizemos na pesquisa bibliográfica e na experiência de assistir e analisar o filme *Entre Nós*. Também foram feitas reflexões sociais obtidas principalmente nas disciplinas cursadas no 1º e 2º períodos do Curso de Pedagogia, Sociologia I e Sociologia 2, nas quais o filme foi exibido e discutido.

Dessa maneira, o embasamento teórico e prático possibilitou destacar como o cinema por meio da ficção ou outros gêneros é importante para a formação intelectual e emocional das pessoas. Na antepenúltima cena, o ator Paulinho Vilhena revela o seu personagem, um jovem com distúrbio psicológico que, após ficar três dias sem tomar o remédio, tem uma crise de ansiedade. Já muito impaciente com as brincadeiras dos amigos, perde o controle emocional. A situação provoca nele o desejo de raiva e suicídio. Neste sentido, os problemas familiares e as formas de vivenciá-los e resolvê-los impactam na formação e refletem situações na vida adulta.

O cinema pode ser um poderoso canal para expressar intenções e sentimentos de que os personagens ou mesmo os espectadores talvez não pudessem ser articulados diretamente em situações da realidade. A linguagem visual, sonora e a narrativa do filme explora o interior das personagens, suas motivações mais profundas e os pensamentos não expressos. Isso ocorre de várias formas, por meio de diálogos internos, monólogos, silêncios significativos, uso de símbolos visuais ou mesmo o design de som e a própria trilha sonora.

Por meio de fantasias e elementos da ficção é possível tratar realidades e apresentar, de forma figurativa e lúdica, as possibilidades da ciência e seus desdobramentos, permitindo a visualização e vivência da linguagem cinematográfica. A finalidade do cinema na educação é promover a interação interpessoal e a problematização da leitura de velhos/novos códigos, preparando para assimilar, compreender, interpretar, produzir e reproduzir conhecimentos. Neste ínterim, para que o filme produza resultados é necessário fazer um diálogo entre cinema, literatura e educação e as representações sociais abrangentes e complexas requeridas na vida adulta. Sobre a utilização do cinema nas instituições educacionais, Cipolini (2008, p. 47) enfatiza que:

[...] Se fizermos uma retrospectiva em relação cinema-educação, podemos constatar que desde sua invenção o cinema tem sido apontado como fonte de pesquisa, e desde então, muito se tem teorizado e discutido a seu respeito. Se no início do século XX a teoria cinematográfica debatia se a imagem expressava ou reproduzia a realidade, hoje sabemos que a realidade não ilustra, nem reproduz a realidade, mas a (re) constroi a partir de uma linguagem própria, produzida num determinado contexto histórico (Cipolini, 2008, p. 47).

A seguir foram selecionadas algumas imagens utilizadas na divulgação do filme, como uma foto tirada no set de filmagens e cenas do filme. Na primeira imagem, podem ser vistos o diretor Morelli e o seu filho Pedro no local das gravações. Na segunda, uma cena do filme, onde os personagens estão todos reunidos em um dos momentos de interação e distração. A terceira imagem revela as cenas em que os personagens abrem as cartas e em clima de tensão uns com os outros. Na quarta é retratada uma cena dos últimos momentos do fim do filme. Compreender o processo de produção do filme nos faz entender que a transmissão e a produção de conhecimentos não são papéis exclusivos da escola, mas também acontecem no cinema em filmes de diversos gêneros, como drama, romance, aventura, comédia, ficção científica, ação, entre outros.

Quadro 1 - Foto dos bastidores e cenas do filme *Entre nós*



Fonte: G1 Cinema, 2024.

Os motivos para abordar essa temática foram acadêmicos, devido à necessidade de aprofundar o conhecimento em cultura e cinema e como ambos podem ser utilizados na sala de aula. Conforme Alencar (2007, p. 137) aponta, “[...] O cinema possibilita o encontro entre pessoas, amplia o mundo de cada um, mostra na tela o que é familiar e o que é desconhecido e estimula o aprender.” Sendo assim, é natural que “aguça a percepção, torna mais ágil o raciocínio na medida em que, para entendermos o conteúdo de um filme, precisamos concatenar todos os recursos da linguagem fílmica” (p. 137). Defendemos a cinematografia brasileira para que as reflexões e concatenações possam estar baseadas na compreensão de nossas potencialidades enquanto nação autônoma e livre de ideologias segregadoras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises de conteúdo foi possível notar que o cinema e a educação escolar podem se relacionar para o uso didático ou para a produção de outros conhecimentos e produtos audiovisuais. Ao analisar os comentários relacionados à obra exibida e comentada, confirma-se a relevância de incluir o cinema na escola e na universidade para que os estudantes/espectadores possam problematizar situações que eles vivenciam ou temem vivenciar.

Nessa perspectiva, a obra cinematográfica, assim como a literária, possuem a capacidade de fazer refletir a dica real apresentada. O cinema, portanto, é um recurso que pode ensinar a compreender

e a interpretar a sociedade, além de influenciar nas escolhas e nos hábitos do indivíduo e da coletividade. Desta maneira, observa-se um dos comentários sobre a obra, que um rapaz diz ter ficado muito mexido com as seguintes frases: “só torço para quando olhar no espelho, ainda me reconhecer. Quem vamos encontrar? Teremos mudado o mundo, ou o mundo a gente?”. Essa reflexão é bastante impactante, já que ela considera a formação humana.

Assim, os resultados obtidos com a análise do filme foram as seguintes: i) capacidade de ampliar as próprias possibilidades de discussões e conhecimentos da importância de levar o cinema para a sala de aula, e ii) propor, cada vez mais, cinema para a formação de professores da rede pública de ensino do Brasil e da América Latina. O intuito é contribuir para sulevar a formação da população, que precisa se desvincular das influências do norte global, especialmente quando se trata do apreço pelo cinema brasileiro.

A importância desse estudo traz a reflexão sobre a formação de universitários para atuarem na educação básica, com qualidade assentada no profissionalismo. Deste modo, não se pode abster de ter amplas experiências culturais e artísticas para que a mentalidade possa mudar para as gerações a passarem pela escola.

É neste momento de formação que se deve realizar pesquisas que realmente complementam a formação intelectual e o contato próximo e individualizado com o(a) orientador(a), que tem o conhecimento aprofundado das teorias, fatores importantes para a formação de qualidade para atuar na educação básica. Por fim, ao se observar a relevância de pesquisar sobre o uso do cinema na escola e na universidade, nota-se a carência de estudos na área do cinema, em que a cultura e a apropriação de bens simbólicos de cada país, dentre eles sua cinematografia, são condições primeiras com direito humano civilizatório.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, S. E. P. O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina história. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2007.

ALMEIDA, Rogério de. Cinema e educação: Fundamentos e perspectivas, Universidade Federal de São Paulo (FEUSP), São Paulo, Educação em Revista, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/kbqWpx6Vq6DszHrBT887CBk/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 2 maio 2022.

AMARAL, J. J. F. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2007. 21 p. Disponível em: <http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>. Acesso em: 2 maio 2022.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação e da Pedagogia. São Paulo/ SP: Editora Moderna Ltda., 2014. p.19-31.

BARBOSA, Diogo José de Moraes Lopes. Cinema no contexto escolar: por uma pedagogia da criação. João Pessoa, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12455?locale=pt_BR. Acesso em: 3 jan. 2022.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994. cap. 1 e 2, p. 48-52.

BRASIL. Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Brasília, DF. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 8 set. 2021.

BRASIL. Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/deficienciamultipla.pdf>. Acesso em: 27 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 27 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta o § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113006.htm. Acesso em: 27 out. 2024.

CARVALHO, Ana Carolina de Souza. IMPORTÂNCIA DA INSERÇÃO DE FILMES E VÍDEOS NA PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL I. 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/Import%3%a2ncia-daInser%3%a7%3%a3o-de-filmes-e-v%3%addeos-na-pr%3%a1tica-docente-no-EnsinoFundamental-I.pdf>. 2017. Acesso em: 15 de jul. 2022.

CIPOLINI, Arlete. Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – Um estudo sobre a utilização do cinema na educação. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2008.

DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2011. p. 08-120.

FORACCHI, Marialice Mencarini. A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo; Companhia Editora Nacional, 1972.

FORACCHI, Marialice Mencarini. O estudante e a transformação da sociedade brasileira. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977. Série 2 – Ciências Sociais. v. 17.

G1 CINEMA. Caio Blat lança 'Entre nós' e afirma que filme 'dá tapa na cara dos jovens'. G1, 30 out. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 17 out. 2024.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Tradução de Gislene Silva; revisão técnica de Liliane Prado. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

MOHR, Adriana; GODOY, Hamilton (Org.). Prática como componente curricular: que novidade é esses 15 anos depois. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017. Disponível em: http://www.licenciaturas.ufsc.br/files/2018/05/mohr-wielewicki_2017_orgs_pratica-como-comp-curricular.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2003.

SILVA, Kathya Rogéria da; SANTOS, Felipe Giuliano Pacheco dos e CUNHA, Marcia Borin da. CIÊNCIA E CINEMA: UM OLHAR PARA AS POSSIBILIDADES NO ENSINO DE CIÊNCIAS. Arquivos do MUDI, v 21, n 03, p. 109-119, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/40946>. Acesso em: 03 de janeiro de 2022.

WEBER, Max. Tipos de Educação e Educação burocrática, Guanacuns, Rev. Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns Goiás, 1971, p. 118-132.

WEISHEIMER, Nilson. Marialice Foracchi e a Formação da Sociologia da Juventude no Brasil. BIB, São Paulo, n. 77, 1º semestre de 2014. p. 91-117.